

INTRODUÇÃO

O documento a seguir foi traduzido do Livro do Cinquentenário de Blumenau¹ e trata-se de uma carta escrita em italiano pelo imigrante Giuseppe Zanluca, professor em Rio dos Cedros, que conta sobre sua experiência com os povos indígenas na localidade de São Pedrinho Velho em 1889. Zanluca mudou-se para Rio dos Cedros após o ocorrido, mas retornaria para Rodeio onde atuaria como professor e redator do Jornal L'Amico.

Vale ressaltar que se trata de um documento histórico com a experiência particular de um indivíduo e que não corresponde a uma verdade absoluta, mas sim, a verdade daquele indivíduo.

CARTA DE GIUSEPPE ZANLUCA

Rio dos Cedros, 14 de abril de 1900.

Ao Notável Sr. Dr. Giovanni Rossi, diretor da Estação Agronômica em Cedros.

Fiquei satisfeito com o pedido que ele me fez por escrito, de que agradeço com grande consideração da alta estima colocada sobre minha pessoa, e, portanto, posso fazer do seu desejo de publicar – em decorrência do 50º aniversário da comarca de Blumenau: mas peço desculpas por minha síntese em tudo que posso dizer ao meu conhecimento.

No dia 25 de novembro de 1895, coloquei pela primeira vez o pé em Blumenau, pensando que fosse uma verdadeira cidade povoada, ou ao menos uma vila importante. Mas não foi assim. Na praça de Blumenau encontrei somente 8 casas. Onde fica a Casa Salinger, apenas existia barracões de tábuas para abrigar os imigrantes que vinham da Europa e nada mais. O resto de Blumenau, especialmente na localidade de São Paulo, era ainda mata virgem.

¹ O livro foi publicado no formato coletânea, com a participação de vários autores e com textos em língua alemã, italiana e portuguesa. Para a organização da parte italiana foi convidado o imigrante Giovanni Rossi, veterinário/agrônomo responsável pela Estação Agronômica de Rio dos Cedros, que convidou alguns intelectuais das áreas de colonização italiana para escreverem sobre suas experiências na Colônia Blumenau.

Arquivo Histórico de Rodeio/SC
Pesquisa realizada por: Gabriel Dalmolin

Não havia estradas, nem para cima e nem para baixo do rio Itajaí, como também nos seus afluentes. As estradas foram abertas desde o momento que começou a influência dos imigrantes na sua maioria italianos e tirolezes, austríacos e prussianos, que durante seis anos vinham chegando da Europa, desde 1875.

Notemos que nas estatísticas feitas no calendário [periódico] alemão, publicado este ano no *Urwaldsbote* em Blumenau o número de tirolezes emigrantes chegados em 1875 é deixado de fora onde chegaram entre abril e novembro, todos aqueles de Rodeio que são todos tirolezes italianos e aqueles da Tyroleza igualmente da mesma pátria. Assim me parece errado o número de 1877, 1878, 1879, 1880 e 1881, como os anos que houveram a maior concorrência. – Então, sobre esta estatística aqui, não me sinto agradado, nunca tendo tido chance nos 25 anos desde que estou aqui, de ocupar me com esta questão, tendo me encontrado apenas que possuía algum conhecimento literário; e para o qual não estava apenas encabulado, mas também perseguido pela inveja. – Portanto, não estou sendo indiscreto, alertando V.S. (Vossa Senhoria) querer verificar essa minha declaração se for necessário.

Do resto, de cada outra coisa que precisaria ser dito por causa da – abertura das novas estradas de colonização, de cultura agrícola, de sementes, de posição geográfica, topográfica, de civilização etc. – creio justo o negligenciar, tendo conhecido alguns de seus relatórios publicados que tratam sobre cada uma dessas coisas.

Deseja também que eu lhe dê uma pequena informação sobre o assalto dos *bugres* em minha casa. Me é muito doloroso instigar as memórias de minha desgraça, muitas aconteceram nestes 25 anos. O meu desejo era, como sempre foi, de ficar em silêncio, guardando o que me individualmente pertence. Mas para aderir ao seu desejo narrarei, da melhor e mais breve forma possível, ao que compete ao esclarecimento deste fato.

A minha ocupação que sempre me dominou, foi aquele da instrução moral e cívica. Gosto muito da profissão do ensino. No entanto, apesar dos meus esforços e amor à profissão a que me dedicava de alma e corpo, para que o povo

Arquivo Histórico de Rodeio/SC
Pesquisa realizada por: Gabriel Dalmolin

tivesse real conhecimento do interesse público e particular do progresso, que nasce da cultura e da ciência, não obtive resultados satisfatórios, a não ser invejas, murmurações, críticas e calúnias. Onde que depois de 13 anos de inútil esforço, fico constrangido a procurar um refúgio para me retirar com minha família e pensar apenas bem dele. Me fixei em *S. Pedrinho Velho* ao pé da *serra* que lá existe, dividindo assim *S. Pedrinho Velho* do contínuo vale de *S. Paulo*² ao meio, e ao vale de *S. Pedrinho Novo* ao leste, em um cantão recolhido. Fiquei lá por três anos e a terra, sendo fértil, me rendeu neste tempo o bastante para suprir cada despesa familiar. No entanto, sendo o monte todo repleto de pedras molares, e pela erupção dos tempos em diante, buscando-se muitas peças isoladas adaptadas para o plano, assim encontrei o tamanho e os vendi, e desse modo durante esses três anos eu tinha começado a entrar em uma posição quase independente; porque já havia adquiridos três cabeças de gado bovino, porcos, além de muito para vestirmos e cobrirmos por muito tempo, e qualquer coisa necessária para a casa. Porém, a sorte não quis me adotar aqui neste lugar solitário.

Era dez horas da manhã de 29 de janeiro de 1889. Na noite anterior foi sufocante, onde apenas na madrugada pode-se dormir por cerca de meia hora. Pois havia a terceira menina com cerca de um ano perturbada pela doença que neste país muitas vezes ocorre nos bebês e crianças, onde em certos bubões, que então vieram a supuração que é uma purga de sangue, que assim, purificando as pessoas, permanecendo em plena saúde. – Nesta noite, ora eu, ora minha mulher, devíamos sair da cama mais vezes para acudir a doente. Mas parecia para ambos que havia passado alguém em torno daquela casa, mas deduzimos ter sido uma ilusão. Feito dia eu andei ao meu trabalho, distante uns 400 metros de casa, onde sendo aberto se podia discernir as pedras melhores. Ao trabalho estávamos eu e meu irmão Angelo. Veio a hora do café da manhã, vimos índios andando pacificamente, e voltamos ao nosso trabalho. Pouco antes das dez horas ouvi minha mulher chamar várias vezes, mas não entendendo quem ela chamava, pensei que fosse algum mal, então fui para casa. Perguntei o que havia e minha

² Aqui o autor se referete a localidade de Ribeirão São Paulo, em Acurra.

Arquivo Histórico de Rodeio/SC
Pesquisa realizada por: Gabriel Dalmolin

mulher respondeu que chamava a Veronica (a primogênita de 5 anos), na qual havia ido um pouco longe, na casa de um vizinho, pedir emprestado um pouco de farinha. – Ouvindo isso, voltei ao trabalho. Tinha apenas chegado quando ouvi minha mulher gritando. Voltei e a vi apenas com vestes e camisa, com os cabelos desgrenhados e soltos, vindo até o meu encontro em uma corrida apressada, trazendo nos braços a pequena e com a outra mão trazendo Veronica. Assim que ela estava diante de mim, me disse imediatamente: “Os *bugres* invadiram nossa casa; me atiraram um pau; eles correram atrás de nós e tentaram acertar a pequena”. Olhamos todos para aquela parte, e de fato, vimos três que dançavam na frente da casa, enquanto que os outros, de dentro, surrupiavam o bom e o bonito. Queria uma espingarda por perto; mas não havia nenhuma, portanto corri pela estrada de cada colono pedindo uma arma de tiro, mas só encontrei depois de ao menos um quilômetro.

Apressadamente voltando a casa não vi mais ninguém; mas encontrei a casa totalmente despojada, e assim restávamos eu e meu irmão com calças e camisa de trabalho, e minha mulher e filhas com o que haviam no corpo.

Então juntos entraram na casa comigo, e recolhemos 11 flechas todas dirigidas naquela parte onde minha esposa tinha fugido. A primeira jogada estava plantada em um *jacarandá* e era de ferro, e foi aquela madeira que minha mulher disse ter sido jogada – e esta arrancou-lhe o lenço que havia na cabeça e cortando parte do cabelo. – Como então conseguiram escapar desses canibais, ela diz que ouviu uma voz selvagem chamar e sair da sala onde ela estava penteando, ela viu três desses selvagens virarem contra ela, então ela correu para trás, e apressadamente, o lenço caiu da cabeça, levou a menina e estava fugindo para trás de casa, quando percebeu que estavam no seu caminho, eles descarregaram essa flecha e assim outras que, felizmente, não acertaram o alvo. Levando-os para a margem do arco no chão, eles a perseguiram com impetuosidade e com tanta rapidez e agilidade que eles já estavam prestes a alcançá-la. Mas na virada do monte, vendo nossa Veronica, que eles pensaram que alguma defesa viria, então retornaram correndo de volta para casa.

Quanto aos que vi, esses eram *coroados*, usando o termo brasileiro, - de

Arquivo Histórico de Rodeio/SC
Pesquisa realizada por: Gabriel Dalmolin

baixa estatura, mas gordos; a cor era verdadeiramente do tipo americano, o caminhar era recurvado como as rãs, emitindo voz rouca e selvagem. Possuíam nas pernas uma atadura, que dava de ver muito bem daquela distância, que pode ser um costume selvagem de apertar estreitamente daquela forma desde crianças as pernas, para amortecer os pés e assim evitar as pontadas de espinhos ou as picadas das cobras. De resto, os vi totalmente nus.

Pouco tempo depois deste fato a filha mais nova; e se a sorte não cruzava mais a minha frente, o infortúnio me perseguia de forma que parecia que eu ia com uma lanterna para procurar o pior até que então, depois de 9 longos anos de trabalho, calamidade, miséria neste vale amargo, fui convidado, e como se sabe, em Cedros, onde se não tenho sorte, não sofro tanto assim com o meu passado.

Desejo ao senhor como retribuição da estima que cada um deveria ter pelo bem público que realiza em favor do povo, assim como a mim mesmo, e caso seja útil não poupe esforços em me chamar, respeitosamente

Giuseppe Zanluca.

Professor da escola dos Cedros.